

**ERA DA (DES)INFORMAÇÃO: NEGACIONISMO E DESVALORIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA
ESTRATÉGIA BOLSONARISTA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19**

**(DIS)INFORMATION AGE: DENIALISM AND DEVALUATION OF SCIENCE IN
BOLSONARIST STRATEGY IN THE FACE OF THE COVID-19 PANDEMIC**

Isabella da Paixão Alves¹
Marina Monteiro de Castro e Castro²
Bruna Atalaya de Almeida Rocha³
Débora Cristina Lopes Santos⁴
Isadora das Graças Freitas⁵
Laura Marcelino Leal⁶

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a estratégia do governo Bolsonaro durante a pandemia da COVID-19, que foi guiada pelas características de desvalorização da ciência e pelo negacionismo. Trata-se, assim, de um ensaio teórico pautado em estudos bibliográficos que busca discutir sobre o conservadorismo presente na sociedade brasileira e seus impactos na Política de Saúde, sobretudo em tempos de ascensão da extrema direita. Destaca-se, ainda, o papel da comunicação no fenômeno do negacionismo, dando forma às suas estratégias e características e refletindo sobre seus profundos impactos no contexto pandêmico. Assim, não se tratou de uma falta de condução com relação à pandemia por parte do governo Bolsonaro, mas tais características, na verdade, compõem sua estratégia de condução. Ressalta-se a centralidade do Sistema Único de Saúde e a importância de seu fortalecimento. Por fim, busca-se ainda apontar caminhos sobre como enfrentar o negacionismo e o discurso anticientífico por meio de uma educação voltada para

¹ Assistente Social da Prefeitura de Belo Horizonte/MG. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social/Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: isabellapaixaoalves@gmail.com

² Assistente Social. Doutora em Serviço Social/UFRJ. Professora da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientadora do projeto de pesquisa: "Determinação social da saúde e pandemia da COVID-19 no Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9027-4659>. E-mail: marinamcastro@gmail.com.

³ Graduanda em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social/Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi Bolsista de Iniciação Científica- BIC/UFJF. <https://orcid.org/0000-0001-6872-0387>. E-mail: brunatalaya@gmail.com.

⁴ Assistente Social da Prefeitura de Ubá/MG. Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social/Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://orcid.org/0000-0002-0026-6883>. E-mail: deboracristinalopessantos@gmail.com.

⁵ Bacharela em Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social/Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi Bolsista de Iniciação Científica - BIC/UFJF.

⁶ Assistente Social. Gestora da política de saúde em Belmiro Braga/MG. Mestre em Serviço Social-Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social/Universidade Federal de Juiz de Fora. <https://orcid.org/0000-0003-3791-4642>. E-mail: lauralealufjf@gmail.com

a cultura científica. As reflexões aqui contidas buscam, assim, contribuir com um atual debate de fortalecimento da ciência e da Política de Saúde brasileira.

Palavras-chave: Covid-19. Pandemia. Negacionismo.

Abstract: The present work has the goal to reflect on the Bolsonaroist government strategy during the COVID-19 pandemic, which was guided by features such as devaluation of science and denialism. Therefore, this is a theoretical essay based on bibliographic studies that aims to discuss the conservative approach present in Brazilian society and its impacts on Health Policy, especially in times of rising ideals of the far right. The communication's role on the denialism phenomenon is also highlighted, giving shape to its strategies and characteristics and reflecting on its profound impacts on the pandemic context. Therefore, it was not a lack of leadership in the pandemic scenario made by Bolsonaro's government, but these characteristics, in fact, compose its management strategy. The centrality of the Unified Health System and the importance of its fortification are highlighted. Finally, we also seek to point out ways on how to face denialism and anti-scientific discourse based on an education focused on scientific culture. The reflections contained here, in this way, seek to contribute to a current debate about the science and Brazilian Health Policy fortification.

Keywords: Covid-19. Pandemic. Denialism.

INTRODUÇÃO

Se a pandemia se impôs em escala global, podemos afirmar que seus impactos no contexto brasileiro têm importante ligação com as particularidades das formas como o conservadorismo se explicita em nossa realidade e com o direcionamento dado às políticas de saúde pelo Governo Federal brasileiro nesse período.

O governo Bolsonaro já apresentava as *fake news* como estratégia desde sua corrida presidencial, em 2017, e, em seu mandato, não foi diferente. Contudo, desde o início da pandemia da covid-19, o Brasil viveu uma intensificação do discurso anticiência e negacionista, e a adoção da defesa da seleção natural como resposta à pandemia, aliado a um amplo ataque às medidas de isolamento. O impacto desse processo foi uma resposta tardia à pandemia, uma desastrosa e infeliz soma de quase 700 mil mortos e uma assustadora escalada de desvalorização da ciência.

As reflexões a serem apresentadas neste ensaio são fruto da pesquisa "Determinação social da saúde e pandemia da COVID-19 no Brasil", vinculada à Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, que teve como parte de seus procedimentos metodológicos a realização de pesquisa bibliográfica com os descritores pandemia e determinação da saúde; e analisou fontes primárias de documentos oficiais do Ministério da Saúde referentes às políticas de combate à pandemia

Apresentamos, aqui, um dos elementos encontrados na pesquisa que trata da relação entre negacionismo e desvalorização da ciência na estratégia bolsonarista. Demonstramos que, na atualidade, a cultura científica se apresenta enfraquecida; assim, as pesquisas científicas são confundidas com opiniões largamente compartilhadas em redes sociais. Esse limiar tênue expõe ainda um importante desafio: como a educação acerca da cultura científica pode contribuir no enfrentamento ao negacionismo e aos impactos das expressões do conservadorismo na Política de Saúde brasileira atual.

CONSERVADORISMO E SEUS IMPACTOS NA POLÍTICA DE SAÚDE BRASILEIRA

O pensamento conservador não se estrutura como uma matriz de conhecimento. Logo, não é pautada por razoabilidade ou exatamente uma racionalidade. Se espalha por diferentes espaços, engloba diferentes concepções de mundo e determina uma ideologia capaz de conduzir grandes massas. Claro que o conservadorismo não se dá de maneira abstrata, tendo diferentes implicações em diversas determinações. Assim, no Brasil, a formação social é decisiva na maneira como o conservadorismo se expressa.

Para retomar sua origem, o pensamento conservador surge como enfrentamento ao novo mundo que emergia com a revolução burguesa e com os ideais do iluminismo, especialmente à concepção antitradicionalista que se chocava com os interesses da nobreza. Contudo, se em sua gênese, o conservadorismo era antiburguês, passa logo a servir à luta de classes ao espalhar seu pensamento contra a luta dos trabalhadores na primeira metade do século XIX (SOUSA et al., 2020).

Coutinho (2010) afirma que uma das principais causas que a burguesia se apressava em abandonar era a categoria "Razão". Esta passa a ser vista de forma cética, como instrumento de conhecimento ou limitada às esferas menos significativas da realidade. A decadência do pensamento está posta na medida em que há a negação ou limitação do papel da razão no conhecimento e na práxis dos homens.

Netto (2011) destaca que a argumentação conservadora, ao longo do século XIX, pode ser sintetizada da seguinte forma: só são legítimas a autoridade e a liberdade fundadas na tradição; a liberdade deve ser sempre uma liberdade restrita; a democracia é perigosa e destrutiva; a laicização é deletéria; a Razão é destrutiva e inepta para organizar a vida social; a desigualdade é necessária e natural, ou seja, em toda sociedade constituída por classes distintas, necessariamente algumas classes se encontram em situação superior.

Podemos dizer que existe certo consenso em colocar Edmund Burke como o pai do conservadorismo clássico, quando, em 1790, publica "Reflexões sobre a Revolução na França" - origem da sua matriz ideológica que possui forte irracionalismo e discurso reacionário, os quais ainda são conceitos que estruturam as formas conservadoras atuais (SOUZA, 2016).

Lukács (1959) em "El asalto a La Razón" aponta que o irracionalismo é a resposta mais clara do pensamento reacionário e que se manifesta na luta constante contra o materialismo e o método dialético, sendo uma expressão filosófica da luta de classes. O que marca o irracionalismo é o conteúdo fundamental de repulsa ao marxismo e de afirmação dos preceitos da burguesia reacionária.

Nos encontramos aquí com una nota muy importante del irracionalismo: uno de los servicios más señalados que esta filosofía presenta a la burguesia reaccionaria consiste precisamente em ofrecer al hombre cierto "confort" en lo tocante a La concepción del mundo, La ilusión de una libertad total, La ilusión de la independencia personal y la dignidad moral e intelectual, em una conducta que lo vincula em todos y cada uno de sus actos a la burguesia reaccionaria y lo convierte em servidor incondicional syo (LUKÁCS, 1959, p. 19).⁷

⁷ "Nos encontramos aqui com uma nota muito importante do irracionalismo: um dos serviços mais destacados que esta filosofia presta a burguesia reacionária consiste precisamente em oferecer ao homem certo "conforto" no tocante a concepção de mundo, a ilusão da liberdade total, a ilusão da independência pessoal e a dignidade moral e intelectual, em uma conduta que o vinculada numa conduta que o liga em todos e cada um dos seus atos à burguesia reacionária e o torna um servo incondicional de si mesmo." (tradução nossa)

Todo este processo influencia a eliminação do pensamento crítico e da consciência, conduz ao treinamento, à obediência e ao conformismo e cria pré-requisitos para a aceitação semifascista de ordens desumanas (MANDEL, 1985).

O conservadorismo no Brasil vem se expressando com a ascensão de um governo de extrema direita, reacionário e de caráter autocrático. Dessa forma, o golpe parlamentar, jurídico, midiático e empresarial contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, bem como a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, demonstra um importante retrocesso em pautas que pareciam "superadas" e uma substancial escalada do conservadorismo no Brasil.

Sobre a ascensão da extrema-direita no Brasil, embora diversos autores deem importante destaque às manifestações ocorridas em 2013⁸, Calil (2021) defende que as bases do avanço da extrema direita já estavam se estruturando pelo menos desde o início dos anos 2000. Patschiki apud Calil (2021) demonstra que o "Mídia sem máscara" foi uma rede social importante na disseminação de ideias conservadoras e reacionárias. Esta veiculava ideais Olavistas⁹, disseminando *fake news*, através de um forte discurso anticomunista e que tinha como principal objetivo demonstrar como toda a grande mídia brasileira seria supostamente comandada pela esquerda.

Assim, as raízes do bolsonarismo não são resultado apenas do processo vivido na última década, mas as efervescentes manifestações de 2013 são bastante importantes de serem destacadas, uma vez que demonstram importante esgarçamento do pacto social que se vinha administrando.

⁸As jornadas de junho de 2013 foi um grande movimento de massa ocorrido no Brasil que, a partir da disputa de diferentes pautas, contribuiu para o avanço de grupos conservadores no Brasil. A esse respeito ver em: DEMIER, F. Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad x, 2017.

⁹Olavo de Carvalho (1947-2022) foi um autodeclarado filósofo, com trajetória controversa e polêmica, expressivo representante do conservadorismo brasileiro, destacou-se por sua visão reacionária que forneceu importantes bases ideológicas ao bolsonarismo (CALIL, 2021), tendo sido diversas vezes referenciado pela mídia brasileira como "guru do bolsonarismo". Com relação à pandemia propriamente dita, não foram raras as vezes que Olavo de Carvalho minimizou sua gravidade, chamando-a de "historinha de terror", colocou em dúvida a existência do coronavírus e dos benefícios da vacina. Ironicamente faleceu de complicações da Covid-19, vírus do qual Olavo negava a existência, no início de 2021. Para entender sobre a relação entre Olavismo e Bolsonarismo, consultar: CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. ARGUMENTUM (VITÓRIA), v. 13, p. 64-82, 2021.

Desde as manifestações de junho de 2013, começam a ser expostas as profundas limitações deste pacto (pacto social petista com a burguesia) verbalizados nos motes do alto custo de vida e do caos nos serviços públicos, em particular nos transportes. Cria-se assim, a fissura política para que o capital não reconhecesse mais no pacto petista a capacidade para realizar os ajustes controlando os trabalhadores e movimentos sociais (SOUSA et al., 2020, p. 43).

Sousa et al. (2020) compreendem esse contexto como uma "intensificação das marcas da nossa formação social". Ou seja, um país marcado por uma ausência de projeto nacional da burguesia brasileira, perpetuando a subalternidade e calcado no trabalho escravizado e na colonização, reproduziu sob essas bases, uma política de saúde de base racista e eugênica.

A ATUALIDADE DE UM SISTEMA DE COMUNICAÇÃO DE MASSA PAUTADO PELO NEGACIONISMO

Para Vilela e Selles (2020), o negacionismo científico não é um fenômeno novo, porém este seguia sem muita força na opinião pública brasileira nos últimos tempos. O crescente discurso negacionista de temas e teorias que já pareciam consensuais na atualidade emergiu com bastante força em decorrência da ascensão do conservadorismo que se dá mundialmente.

Na tese de Calil (2021), o negacionismo propagado pelo governo Bolsonaro é uma estratégia de fascistização, ao considerar ser o irracionalismo um importante pilar do fascismo. O autor entende o processo de fascistização como um projeto com traços fascistas em um "regime político que ainda mantém um conjunto de salvaguardas democráticas" (CALIL, 2021, p. 71).

O negacionismo tem distintas dimensões, desde sua formulação original por pretensos historiadores nazistas que negavam o holocausto, passando pelo negacionismo ambiental e científico e culminando no negacionismo da pandemia. A perspectiva negacionista remonta às publicações de Paul Rassiner na década de 1960, negando a existência do holocausto, mas teve maior projeção a partir das obras de Robert Faurisson, no final dos anos 1970. O avanço destas perspectivas negacionistas foi denunciado em *Os assassinos da memória*, obra fundamental do historiador Pierre Vidal Naquet. Entre 1986 e 2001, o Brasil esteve entre os países com maior volume de publicações negacionistas, em virtude das atividades da Editora Revisão, constituída

em Porto Alegre por Siegfried Ellwanger Castan. Embora tenha recebido apoio de neonazistas pelo menos desde 2011, Bolsonaro mantém discurso público baseado em outra vertente do negacionismo: a proposição de que o nazismo é de esquerda reiteradamente reproduzida nas redes sociais bolsonaristas (CALIL, 2021, p. 71).

Muito se disse de uma possível falta de estratégia e habilidade do governo brasileiro em 2020 na condução da situação sanitária no país. Contudo, o estudo de Calil (2021) busca demonstrar como o governo de Bolsonaro atuou com uma estratégia bem definida, que foi decisiva aos rumos da pandemia no Brasil e que se consolidou entre os meses de março e abril de 2020. Esta teve crescentes incentivos de comportamentos que aceleravam os índices de contaminação, descredibilizavam a gravidade da pandemia, propagaram falsas informações sobre tratamentos cientificamente comprovados como ineficazes, sob o mote de alcançar a "imunidade de rebanho"¹⁰ por exposição ao vírus.

A OMS (2020, p. 2), desde o início da pandemia, sinalizava que os países teriam que tomar decisões difíceis para atingir um equilíbrio entre as "demandas de resposta direta à COVID-19 e a realização de planejamento estratégico e ação coordenada para manter a prestação de serviços essenciais de saúde, reduzindo o risco de um colapso do sistema".

Essa sinalização esteve baseada na experiência científica do surto do Ebola e da evidência de que, quando os sistemas de saúde ficam sobrecarregados, há um aumento drástico na mortalidade direta causada por um surto e também na mortalidade indireta por doenças imunopreveníveis e por aquelas doenças que possuem tratamento¹¹.

Lara (2020) faz um retrospecto das doenças e pandemias que devastaram a humanidade e indica que estas estão presentes desde a origem da sociedade. O autor destaca algumas delas, que, no desenvolvimento da sociedade moderna, transformaram-se em epidemias e pandemias, em ordem temporal, a saber:

¹⁰ "Imunidade de rebanho" é uma expressão utilizada para definir o processo a partir do qual a cadeia de transmissão de uma doença é bloqueada ao atingir um número considerável de pessoas. Esse bloqueio pode ser alcançado de duas formas: por meio de vacina ou pela exposição natural ao vírus." (FIOCRUZ, 2020).

¹¹Análises do surto de ebola em 2014-2015 sugerem que o aumento no número de óbitos causados por sarampo, malária, HIV/AIDS e tuberculose atribuíveis a falhas no sistema de saúde ultrapassou o número de óbitos causados pelo ebola (OMS, 2020).

Peste de Atenas (430-427 a. C); Peste antonica em Roma (166); Epidemia de varíola no Japão (735-737); Peste bubônica (1347-1353); Praga da China (1641); Epidemia de febre amarela em Nova Orleans (1853); Pandemias de cólera (ao longo do século 19; Gripe Espanhola (1918-1919); Pandemias de AIDS (1980); Pandemia de SARS - 1 (2002-2004); Gripe Suína (2009); Epidemia de cólera no Haiti (2010); Ebola (2013-2016); Zika Vírus (2015); Pandemia de Covid-19 (2020) (LARA, 2020, p. 54).

Percebemos, dessa forma, que o Brasil já havia enfrentado, no início do século XX, outra relevante epidemia: a gripe espanhola (1918). Schwarcz e Starling (2020) demonstram como a Gripe Espanhola chegou através de navios pelos portos e rapidamente contaminou os cidadãos brasileiros. A imprensa carioca já havia divulgado notícias sobre uma misteriosa gripe que vinha acometendo brasileiros da Missão Médica Militar no exterior. Sobre a comunicação à época:

A coluna [do jornal O Paiz] foi comendo cada vez mais espaços do jornal e passou a funcionar como uma seção de serviço público, que oferecia "conselhos práticos" aos leitores: explicava como prevenir a epidemia mantendo as mãos limpas e usando todo tipo de desinfetante, pedia que fossem evitadas aglomerações e ensinava a utilizar máscaras. O Paiz continuava com sua coluna especial cujo objetivo era desmontar fake news! Ela já existia, mas até então se dedicava aos esportes. Espécie de embrião das agências de checagem que hoje conhecemos, chamava-se "Boatos Falsos", e sempre terminava com a frase "Não sei mentir...". Apesar de guardar um quê de gozação, e divulgar qualquer gênero de notícia, nesse momento a seção passou a se concentrar em desmentir casos não comprovados de gripe espanhola. Ativo, o periódico também denunciava farmácias que aumentavam os preços dos medicamentos ou hotéis que aproveitavam a situação para alugar quartos por valores mais altos (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 146).

Um século depois, contamos com outro cenário em termos de um avançado desenvolvimento das forças produtivas, salto científico, estudos avançados sobre imunizantes, meios de comunicação altamente eficazes e um sistema único de saúde pública. Como, diante de um cenário consideravelmente mais avançado, caminhamos para péssimos resultados no enfrentamento da pandemia?

Guardados todos os outros elementos importantes e que foram decisivos nos maus resultados de enfrentamento à covid-19, como as denúncias de corrupção, o cenário de falta de recursos, dentre outros, parece central o problema do negacionismo científico. Os meios de comunicação são pilares decisivos para a circulação de informações. Aqui, não se objetiva tratar especificamente desse ponto, mas cabe ressaltar que, se antes tínhamos jornal impresso, rádio e televisão como principais formas de comunicação em massa, agora, a internet

potencializa a circulação de informações pelas redes sociais, colocando-as literalmente na palma da mão através dos smartphones e tornando cada um de seus usuários potenciais disseminadores de conteúdos falaciosos.

Dessa forma, Andrade et al. (2022) destacam o volume de informações capazes de circular pela internet como vimos no período pandêmico. Trata-se de um potencial alcance de áudios que divulgavam as manifestações de Bolsonaro nas redes sociais desde o início da pandemia. Tais manifestações minimizavam a gravidade da pandemia e seus riscos, projetando uma ideia de que a pandemia não teria grandes repercussões no Brasil (CALIL, 2021).

Mesmo diante do rápido avanço do vírus pelo território brasileiro, o Governo Federal, sob a presidência de Bolsonaro, manteve a postura negacionista e anticientífica, vista expressamente na larga rejeição de acordos internacionais para obtenção de vacinas, tendo impactado, substancialmente, no reconhecimento da doença e nas baixas taxas de vacinação no início da campanha. Esse fato, aliado às denúncias de falta de oxigênio no Amazonas e desvios de verbas públicas, gerou a abertura de uma investigação através da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid¹². Nas sessões da CPI, um dos pontos mais esperado e bastante acompanhado foram as investigações acerca das orientações e incentivo ao uso de medicamentos comprovadamente ineficazes no tratamento ou prevenção da covid-19, como cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e colchicina. Em março de 2021, a Associação Médica Brasileira finalmente se pronunciou orientando que tais tratamentos comprovadamente ineficazes deveriam ser banidos na prática médica. Tal posicionamento contradiz um anterior de julho de 2020 que ressaltava a autonomia médica na prescrição do chamado "tratamento precoce".

A relação das entidades médicas com os posicionamentos do governo Bolsonaro também foi alvo de muitas polêmicas e controvérsias. Em agosto de 2020, um grupo de médicos "pró-cloroquina", que representava 10 mil colegas médicos, apresentava ao governo Bolsonaro a proposta do tratamento precoce, embora o Brasil já tivesse péssimo desempenho

¹²A CPI da Covid foi criada em 13/04/2021 no Senado Federal, sendo presidida pelo Senador Omar Aziz, e teve como finalidade investigar a falta de oxigênio para pacientes internados no Amazonas, bem como possíveis desvios de verbas públicas e omissão dos entes federados na condução da situação de calamidade pública gerada pela pandemia. O relatório final foi aprovado em 26/10/2021 e está disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acesso em: 14 jun. 2022.

no enfrentamento à covid-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos com relação ao número de mortes.

Segundo a jornalista Mariana Alvim da BBC sobre o encontro:

(...) na cerimônia, cujo vídeo foi disponibilizado pelo Planalto, o tom dos discursos era laudatório – os médicos ali presentes, representando segundo eles 10 mil colegas mobilizados através das redes sociais, entregavam ao presidente uma carta que carregava o que seria uma solução para combater a covid-19 com mais eficácia.

A resposta estaria no tratamento precoce, uma combinação de medicamentos já usados para outras doenças cujo a prescrição desde os primeiros sintomas evitaria o agravamento da infecção pelo novo coronavírus. Diferente do sugerido por eles, entretanto, associações médicas e a Organização Mundial da Saúde (OMS) consideram que não existe nenhum tratamento específico, comprovado e seguro para a covid-19. Sociedades científicas já manifestaram preocupação com a propagação do tratamento precoce, conforme mostrou a BBC News Brasil em julho (ALVIM, 2020, s.p.).

Apesar da comunidade científica refutar o uso do tratamento precoce e reforçar as medidas comportamentais na prevenção da disseminação do vírus, como isolamento, distanciamento social, higiene e uso de máscaras, o então governo seguiu sendo contrário aos pressupostos científicos. Escândalos como da empresa *PreventSenior* também foram deflagrados na CPI da covid, com depoimentos de médicos e pacientes, que corroboram com a tese de que “o plano de saúde pressionou médicos a receitarem ‘kit covid’, usou usuários como cobaias e tentou retirar tratamento intensivo de pacientes graves.” (JUCÁ, 2021, s.p.).

Andrade et al. (2022, p. 1867) destacam o uso de teorias conspiratórias por negacionistas a fim de justificar o uso de evidências frágeis, como foi o caso do famigerado tratamento precoce. Para os autores, “a adesão ao negacionismo possui fortes ligações com o sentimento de lealdade e questões ideológicas das pessoas”. Dessa forma, “dar por igual a opinião de todos não é necessariamente democrático. Democracia é equidade política, não igualdade de conhecimento.” (ANDRADE et al., 2022, p. 1880).

Segundo Vieira (2021), pela Agência Senado, após 6 meses de seu fim, a CPI da Covid produz um relatório final com 1.279 páginas que possui 80 pedidos de indiciamento. Além da recomendação de indiciamento do presidente Jair Bolsonaro pela prática de 9 infrações, seus filhos, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ), o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-

SP) e o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), também são acusados de incitação ao crime.

Esse breve apanhado do contexto pandêmico nos desafia a pensar como, mesmo diante de corroborados posicionamentos da comunidade científica e da Organização Mundial de Saúde, o negacionismo ganhou tanta força na opinião pública recente.

Nascimento (2022) destaca a utilização das redes sociais no processo de negação à ciência no que diz respeito à covid-19. Parte da estratégia negacionista, as redes sociais serviram para disseminar narrativas conspiracionistas e conservadoras, gerando dúvidas e informações inverídicas. Assim, a autora se utiliza dos estudos do filósofo Hansson para destrinchar algumas características do discurso negacionista, que se valem de diversas estratégias, a citar algumas:

- Zumbi (neglect of refuting information): representa fazer reviver argumentos comprovadamente refutados pela ciência (ex: terraplanismo);
- Cortina de fumaça (deviant criteria of assente): que traz à tona debates que objetivam desviar atenção dos pontos centrais da discussão.

Outra falácia indicada foi a separação saúde/economia e a indicação de que o avanço das desigualdades no Brasil foi desencadeado estritamente pela pandemia. Fontes (2020, p. 01) indica que "longe da falaciosa versão de que "vínhamos crescendo e o vírus poderia atrapalhar" (...), o Brasil já experimentava uma crise em curso. Portanto, a crise não surge na pandemia, na verdade, neste cenário ela se agudiza.

Sistematizando as posturas do Governo Federal na pandemia, Matos (2021) apresenta de forma clara, as posições:

Sobre o distanciamento social, desde o início, Bolsonaro se posicionou contrariamente, dizendo que não era para toda a população e sim para um público, que as pesquisas internacionais indicavam – ao contrário da realidade no Brasil – como mais vulnerável, que eram idosos/as e pessoas com comorbidades. Ao mesmo tempo em que relativizava o risco, disse que pessoas com perfil de atletas, como ele, não seriam acometidas pela doença. Não por acaso, também se posicionou nos meios de comunicação de que a economia não poderia parar por causa de alguns, tidos na retórica governamental, mesmo que não expressamente, como "débeis", "fracos",

“incapazes”, enfim, gente que poderia ser descartada pela economia do capital e por uma sociedade “ideal”, tal qual nos antigos sonhos hitleristas (MATOS, 2021, p. 32).

Dessa forma, no Brasil, é com o governo Bolsonaro, declaradamente conservador, de extrema direita e reacionário, que o discurso de anticiência ganha força e traz danos incalculáveis no enfrentamento à pandemia.

Guimarães (2020) indica que um desses impactos é o papel da comunicação no imaginário social sobre o SUS. A comunicação tem objetivos e funcionalidade de classe e a mídia compõe a disputa por concepções de mundo e da opinião pública, o que necessariamente incorpora também a saúde pública.

Se por um lado tivemos um contexto pandêmico permeado por *fake news*, é preciso ressaltar o papel de sérias instituições científicas brasileiras, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantã, responsáveis por pesquisas e imunizantes contra a covid-19.

Como dado de realidade, tem-se o incremento da procura dessas entidades como espaço de informações de ordem diversas, não apenas pela mídia como pela população diretamente; como suposição presente e aposta futura, tem-se a potencialidade da comunicação pública na construção de um maior alinhamento dos acontecimentos, permitindo uma narrativa menos fragmentária e mais ‘totalizante’ sobre a pandemia (GUIMARÃES, 2020, p. 77).

Destaca-se o papel de excelência da Fiocruz na divulgação de informações científicas de qualidade, com aumento exponencial de acesso às suas redes por parte da população, sem que tais informações precisassem ser mediadas pelas mídias tradicionais. A instituição realiza a:

criação do Observatório Covid-19 e a promoção de eventos virtuais, entre outras iniciativas que reforçavam o trabalho de pesquisa diretamente ligado à pandemia. Os números não deixam dúvidas sobre esse protagonismo. Entre 1º de março e 30 de junho, o Portal Fiocruz teve quase 10 milhões de visitas, quatro vezes mais do que no mesmo período de 2019. A análise do crescimento das redes sociais da instituição também mostra que, entre março e o final de junho, a quantidade de seguidores no Instagram subiu de 62 mil para 177 mil; o Twitter saltou de pouco mais de 14 mil para 74,2 mil; e o Facebook subiu de 146,5 mil para mais de 880 mil (GUIMARÃES, 2020, p. 88).

Contudo, Andrade et al. (2022) ressaltam a importância de questionarmos a imagem produzida e reproduzida na sociedade sobre o que são a ciência e os cientistas. Destacam que, em pesquisa realizada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) com jovens entre 15 e 24 anos de todas as regiões do Brasil, boa parte tem ideia de que cientistas são pessoas que não frequentam festas, nem tem vida social (77%) e são esquisitos (60%). Os autores problematizam como essas visões estereotipadas são reforçadas durante a vida dos jovens por conteúdos escolares, uma vez que não abordam a ciência através de uma perspectiva que demonstre como se dão as formulações de teorias e o processo de construção do conhecimento científico.

Traçando uma aproximação com as estratégias negacionistas, Nascimento (2022) utiliza-se da denominada pelo filósofo Hanson, de "a cereja do bolo" (*cherry picking*). Esta trata de uma analogia a uma "finalização perfeita". Neste sentido, o autor apresenta que a ciência produz dentro de condições bem definidas uma gama de evidências e, nesse contexto, existem incertezas viáveis. Dessa forma, a estratégia "a cereja do bolo" faz circular entre as mídias, fenômenos que contradizem o modelo estipulado pela ciência para descredibilizar as suas evidências.

Se pensarmos no contexto pandêmico brasileiro com relação à vacinação, fica mais fácil traduzir essa estratégia. Não foi incomum vermos circular em redes sociais notícias de pessoas que tiveram algum agravamento após o uso de algum imunizante contra a covid-19. Ainda que o fato fosse verídico e não se tratasse de uma *fake news*, essa maneira de circular entre as pessoas uma situação que contradiz os majoritários bons resultados da imunização, que inclusive também seriam possíveis desfechos descritos pelas fabricantes, acaba por ser uma estratégia de descredibilização das evidências científicas. Assim, induzindo as pessoas a conclusões equivocadas e receio em serem vacinadas.

Dessa forma, uma comunicação eficaz sobre cultura científica que possibilite superar essa ideia de construção do conhecimento de modo linear pode contribuir para que sujeitos consigam avaliar criticamente as informações que cheguem até eles através das redes sociais. Assim, "o negacionismo não é apenas ignorância, mas a produção induzida (política e

ALVES, I. P.; CASTRO, M. M. C.; ROCHA, B. A. A.; SANTOS, B. C. L.; FREITAS, I. G.; LEAL, L. M.
Era da (des)informação: negacionismo e desvalorização da ciência na estratégia bolsonarista frente à pandemia da COVID-19 culturalmente) da desinformação, que tem como objetivo atacar as teorias científicas aceitas pela comunidade científica." (ANDRADE et al., 2022, p. 1850)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APORTES PARA O ENFRENTAMENTO DO DISCURSO ANTICIENTÍFICO

Ao longo deste artigo buscamos demonstrar um movimento do Governo Federal, sob presidência de Bolsonaro, de descrédito com relação às pesquisas e à ciência, por meio de ideais negacionistas e conservadores que afetaram diretamente a política de combate à pandemia.

Vimos que, desde a indicação de medidas de isolamento com o mote do "fica em casa", mantendo em trabalho presencial somente os serviços essenciais e sem políticas de proteção social, as *fake news* e o forte discurso antivacina representaram uma negação da ciência e da realidade de desigualdade nacional.

Pensar maneiras de enfrentamento ao fenômeno do negacionismo faz-se necessário, a considerar seu retorno de modo exponencial nos últimos anos:

Toda crise interrompe muita coisa; mas abre, também, uma nesga de esperança. Por exemplo, foi por conta da gripe espanhola que pela primeira vez se pensou, no Brasil, na criação de um Ministério da Saúde, o qual nasceria apenas em 1930, como Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Tomara que a pandemia do coronavírus nos auxilie a pensar nos limites que ultrapassamos, faz tempo, com essa nossa propalada "civilização". Que nos ensine a aprimorar o SUS, pois defendê-lo é como lutar pelos direitos humanos, sobretudo em contextos pandêmicos. Que nos faça entender que países desiguais como o nosso são ainda mais particularmente afeitos a negacionismos e a tratamentos diversos na doença e na morte. Que nos possibilite reconsiderar o valor da vida e o reencontro da nossa sociedade com o sentimento de pertencimento social e com a noção de responsabilidade mútua (SCHWARZ; STARLING, 2020, p. 410).

Percebemos, na pesquisa realizada, a gravidade de direcionamentos ideológicos que prezam pelo discurso anticiência. Enfrentá-los passa pela criação de uma aproximação da comunidade científica com a população, reforçando seu papel, por meio da divulgação de uma cultura científica e de processos educativos.

A pandemia também propiciou que o SUS estivesse retratado nos meios de comunicação de uma forma diferente. Não apenas com reportagens que apontam suas mazelas e precariedades na assistência hospitalar, por exemplo, mas também demonstrando outras dimensões como seu caráter de vigilância epidemiológica. Haja vista o mix público e privado que sempre permeou a saúde no Brasil, a pandemia demonstra a importância de um olhar para a coletividade que supere intervenções puramente individuais e, ao mesmo tempo, como cada comportamento individual tem o poder de impactar na coletividade. Apesar de todo o seu desfinanciamento e tentativas de desmonte, foi o SUS o ator capaz de cuidar da população brasileira. Considerando o exposto, torna-se indubitável afirmar que, com o direcionamento pautado na ciência, teria sido possível minimizar o número de vítimas ocasionado pelo direcionamento dado à pandemia pelo governo Bolsonaro.

Pedro Hallal, pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, relata em sessão da CPI da covid-19, que, pelo menos, 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas se o governo Bolsonaro tivesse apoiado as medidas de isolamento e realizado a aquisição de vacinas em tempo hábil (MATTOS et al., 2021).

Ressaltamos que esse direcionamento estabelecido pelo Governo Brasileiro durante a pandemia (2020-2022) vai na contramão do que a humanidade vem avançando em termos do conhecimento, como também nos princípios e diretrizes que balizaram a construção do Sistema Único de Saúde brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Mariana. O grupo de '10 mil' médicos pró-cloroquina que se aproximou de Bolsonaro com 'evento histórico'. **BBC News Brasil** [online]. São Paulo: 03 set 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53994532>. Acesso em: 15 out. 2022.

ANDRADE, Leandro Braga de; DINIZ, Leonardo Gabriel; SANTOS, Raphael Freitas. Reflexões sobre a comunicação pública da ciência e negacionismo. In: DOS-SANTOS, Marcus Vinicius et al (orgs). **Dossiê contra o negacionismo da ciência: a importância do conhecimento científico**. Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2022. Versão kindle. Disponível em: <https://www.editora.pucminas.br/obra/dossie-contra-o-negacionismo-da-ciencia-a-importancia-do-conhecimento-cientifico-e-book-google-livros>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CALIL, Gilberto Grassi. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. **ARGUMENTUM** (VITÓRIA), v. 13, p. 64-82, 2021.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc. (140)** Jan-Apr 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/?lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2022.

CALIL, Gilberto Grassi. Brasil: o negacionismo da pandemia como estratégia de fascistização. **Materialismo Storico – Rivista Di Filosofia, Storia E ScienzeUmane**, 9(2), 70-122. <https://doi.org/10.14276/2531-9582.2470>. 2021.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2 ed. Expressão Popular, 2010.

DEMIER, F. **Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad x, 2017.

FIOCRUZ. **Imunidade de rebanho**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/imunidade-de-rebanho>. Acesso em: 09 jun. 2022.

FONTES, Virgínia. **Coronavírus e a crise do Capital**. Entrevista concedida à ANDES - Sindicato Nacional. Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 20/04/2020. Disponível em: <https://adufs.org.br/conteudo/1883/coronavirus-e-a-crise-do-capital-entrevista-com-virginia-fontes>. Acesso em: 01 fev. 2021.

GUIMARÃES, Cátia. SUS e pandemia nas páginas dos jornais: notas sobre comunicação e método. In: SILVA, L. B.; VIANNA, A (orgs). **Crise e pandemia: quando a exceção é a regra geral**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/crise-e-pandemia-quando-a-excecao-e-regra-geral>. Acesso em: 25 out. 2022.

JUCÁ, Beatriz. Escândalo da PreventSenior ganha rosto com depoimentos de médico e paciente à CPI da Pandemia. **El País** [online]. Fortaleza: 07 out 2021. Pandemia de Coronavírus. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-07/escandalo-da-prevent-senior-ganha-rosto-com-depoimento-de-medico-e-paciente-a-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

LARA, Ricardo. Pandemia e capital: as repercussões da Covid-19 na reprodução social. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 53-69, jan/jun. 2020.

LUKÁCS, G. *El asalto a larazón. La trayectoria del irracionalismo desse Schelling hasta Hitler*. **Fundo de Cultura econômica**. México, Buenos Aires, 1959.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo Tardio**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MATOS, M. C. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da covid-19. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 35, p. 25-35, 2021.

MATTOS, Marcela; BORGES, Beatriz; RESENDE, Sara. Epidemiologista diz à CPI da Covid que cerca de 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas. **G1 e TV Globo** [online]. Brasília: 24 jun. 2021. CPI da Covid. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/06/24/epidemiologista-diz-a-cpi-da-covid-que-cerca-de-400-mil-mortes-poderiam-ter-sido-evitadas.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2022.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do. Negar as ciências nas redes sociais: controvérsias e falácias em vozes anônimas sobre a COVID-19. In: DOS-SANTOS, Marcus Vinicius et al (orgs). **Dossiê contra o negacionismo da ciência: a importância do conhecimento científico**. Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2022. Versão kindle. Disponível em: <https://www.editora.pucminas.br/obra/dossie-contra-o-negacionismo-da-ciencia-a-importancia-do-conhecimento-cientifico-e-book-google-livros>. Acesso em: 14 jun. 2022.

NETTO, L. E. *O Conservadorismo Clássico* - elementos de caracterização crítica. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

OMS. COVID-19: **Orientação operacional para a manutenção de serviços essenciais de saúde durante um surto**. OMS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52069#:~:text=Os%20pa%C3%ADses%20ter%C3%A3o%20que%20tomar.de%20um%20colapso%20do%20sistema>. Acesso em: 09 jun. 2020.

SCHWARZ, L. M.; STARLING, H. M. *A Bailarina da morte - A gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

SOUSA, Adrianyce A. Silva de; OLIVEIRA, Ana Cristina; SOUZA, Giselle. Pandemia e conservadorismo no Brasil: fundamentos e conjuntura recente. In: SILVA, L. B.; VIANNA, A (orgs). **Crise e pandemia: quando a exceção é a regra geral**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/crise-e-pandemia-quando-a-excecao-e-regra-geral>. Acesso em: 20 set. 2022.

SOUZA, Jamerson Murillo Anuniação de. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. 2016. 304f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2016.

VIEIRA, Anderson. Após seis meses, CPI da Pandemia é encerrada com 80 pedidos de indiciamento. **Agência Senado**, 26 out 2021. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/26/apos-seis-meses-cpi-da-pandemia-e-encerrada-com-80-pedidos-de-indiciamento>. Acesso em: 27 out. 2022.

VILELA, Mariana Lima; SELLES, Sandra Escovedo. É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico? *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 37, n. 3, p. 1722-1747, dez. 2020.